



CINEMA

LITERATURA

MUSICA

TELEVISAO

PENSAMENTOS

FALE CONOSCO

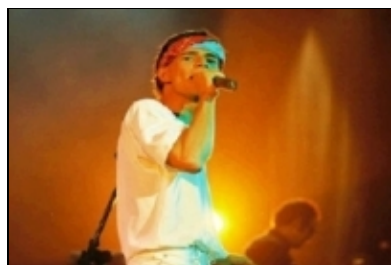
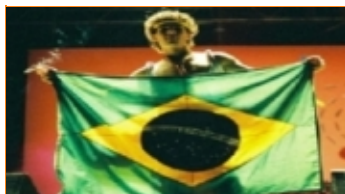
PIPOQUEIROS

busca

Ok


CINEMA
O poeta está vivo!

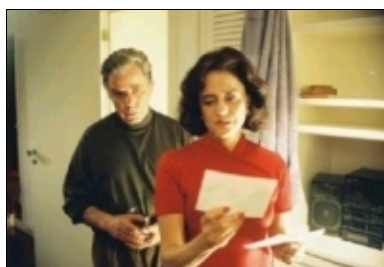
Por: Fábio Freire



Não, *Cazuza. O Tempo Não Pará* não é uma cinebiografia definitiva sobre o poeta que marcou toda uma geração. Mas, sim, o filme passa longe de ser um projeto picareta que tem como intenção apenas chamar a atenção para a obra do artista e alavancar, assim, a venda de seus CDs. A produção não consegue nem de longe traduzir toda a poesia e fascínio despertados por Cazuza (nem poderia com pouco mais de 1h30 de duração), mas a paixão dos envolvidos pelo projeto é tão visível, tão transparente nas telas, que é quase impossível não se deixar levar pela emoção e beleza do longa.

Apesar das falhas visíveis, culpa do roteiro condensado, superficial e paternalista, o que se sobressai no longa é a interpretação sublime do ator **Daniel de Oliveira**, que praticamente revive Cazuza na tela. A postura, voz e gestos do artista estão todos lá, muito bem caracterizados pelo ator. O filme é dele e, em nenhum momento, o público duvida disso. Sua transformação de garoto burguês, egocêntrico e mimado dos tempos do Barão Vermelho para um poeta no auge de sua criatividade, mas vitimado pela, na época, chamada peste gay, é impressionante, o atestado de dedicação e maturidade do ator. Ao resto do elenco só resta ver o ator brilhar. Ainda assim, Marieta Severo e Reginaldo Farias, interpretando os pais de Cazuza, demonstram competência. A única exceção no quesito interpretação é a atuação caricata e exagerada de Emílio Mello, que vive o mentor do cantor, Ezequiel Neves.

Dirigido por **Sandra Werneck** e **Walter Carvalho**, *Cazuza. O Tempo Não Pará* é um filme de fotografia suja, granulada, que a princípio incomoda, parecendo amadorismo, mas, no decorrer da produção, percebe-se que a intenção era justamente essa, deixar o longa com cara de produção caseira. A reconstituição é perfeita e funciona para trazer o público para dentro do clima da época, os famigerados anos 80. A decisão de pontuar a



narrativa com fatos marcantes (o atentado no Rio Centro, a morte do presidente Tancredo Neves, a queda do muro de Berlim) é acertada pois, além de tornar o longa ainda mais verossímil, funciona também como uma espécie de marcação do tempo, já que o roteiro dá vários saltos temporais sem maiores explicações.

Aliás, esses pulos são um dos problemas do longa. Quem não conhece muito sobre a carreira e vida de Cazuza, vai continuar sem conhecer, tendo apenas uma nítida noção do que ele representou não só para o rock mas para

ATUALIZAÇÕES

23/06 Leitura pop obscura: porto seguro na internet [Guilherme Sagas - Prelúdios]

23/06 Ao Fim do Crepúsculo

19/06 Antes muito bem acompanhado do que sozinho [Wilson Simoninha - Live Sessions At Trama Studios]

18/06 Um Oscar mais que merecido [Monster - Desejo Assassino]

17/06 A Névoa da Guerra era Napalm [Sob a Névoa da Guerra]


DO MESMO AUTOR

O Dia Seguinte [O Dia Depois de Amanhã]

Mundo cão [Dogville]

Harry Potter em série [Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban]

Maturidade sob duas rodas [Diários de Motocicleta]

Salada mista pop e pós-moderna [Kill Bill - Vol 1]

LEIA TAMBÉM

19/10/2003 Minimalismo ultramelódico para lavar a alma [Yo La Tengo - Summer Sun]

06/11/2003 Aperte Reset para sair da Matrix [Matrix Revolutions]

18/10/2003 365 boas razões para acessar o PoppyCorn

19/10/2003 E, afinal de contas, para que serve a esfinge? [Belline e a Esfinge]

21/10/2003 Por ser especial, Hulk não será aceito [Hulk]

apenas uma pequena negação do que ele representa não só para o rock mas para toda a música nacional. Várias situações da vida do artista são apenas citadas (como sua corajosa atitude de ter assumido sua doença perante o público e a mídia), já outras (o relacionamento com Ney Matogrosso) são solenemente esquecidas. Nesse ponto, *Cazuza. O Tempo Não Pára* erra como uma cinebiografia, já que monta apenas um painel superficial sobre a vida do artista, funcionando muito melhor para quem viveu e pôde acompanhar a trajetória do poeta. Se para os fãs do cantor, o filme é um prato cheio, melancólico, alegre, triste e saudosista, para os não-iniciados é apenas uma produção correta que tenta acertar mas passa apenas de raspão na essência do poeta que hoje se transformou em um mito.



Outro porém do filme é tentar reduzir o artista à alcunha de gênio. Mesmo tomando atitudes promíscuas, egocêntricas e irresponsáveis, Cazuza jamais é repreendido por isso, como se sua genialidade partisse apenas desse lado transgressor. Aqui, a produção acaba pecando mais uma vez, já que esse posicionamento superior do artista só o afasta do público e o transforma em um chato de galochas. Do meio para o fim, o roteiro esquece um pouco esse ranço do artista, mas o que poderia ser mostrado como um amadurecimento, principalmente em virtude da doença, não é explorado, deixando o longa ainda mais superficial. Mas, no final das contas, o que vale mesmo é a emoção proporcionada pela produção. Cenas como a descoberta da doença, a apresentação no *Rock in Rio* e o último show, já na fase terminal da doença, funcionam como uma síntese de Cazuza, ora explosivo, ora alegre, ora melancólico, mas sempre intenso e contraditório.

21/06/2004

[Voltar](#)